



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

A CULTURA DO *SKATE* E O CONSUMO NO LAZER DA JUVENTUDE

Anna Carolina Martins Cassani
Gelsimar Josi Machado
Heloisa Heringer Freitas
Liana Abrão Romera

RESUMO

A pesquisa analisa práticas corporais do litoral capixaba e elegeu o skate como modalidade de lazer vivenciada por uma parcela de jovens tendo por objetivo conhecer as percepções dos skatistas sobre a prática e as possíveis relações com o consumo de substâncias lícitas e ilícitas na vivência da modalidade. Trata-se de pesquisa exploratória de campo com abordagem qualitativa desenvolvida por meio de observação não-participante com utilização de diários de campo e entrevistas semiestruturadas com 19 skatistas.

PALAVRAS-CHAVE: lazer; juventude; drogas.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou conhecer, dentre as práticas culturais e vivências corporais no litoral capixaba, aquelas mais ligadas às manifestações do público jovem, desenvolvidas em espaço específico de sua orla, destacando as percepções deste grupo acerca do consumo de drogas e as possíveis relações destes usos com a vivência do lazer.

O estado do Espírito Santo, localizado na costa brasileira, conta com imenso número de praias que representam importantes espaços de vivência de diferentes modalidades de lazer, especialmente aquelas relacionadas às práticas corporais, desenvolvidas por distintos grupos sociais frequentadores dessas praias.

Inicialmente os espaços da orla selecionados para este estudo foram o calçadão e água, porém, devido às características do pedaço pesquisado, observou-se que as práticas corporais no meio aquático (*surf*, *kitesurf* e outros) não eram frequentes, possivelmente devido à ausência de ondas daquela região específica. A constatação de tal fato teve como reflexo o redirecionamento da pesquisa para os espaços areia e calçadão, uma vez que nestes locais foi constatado maior fluxo de praticantes de modalidades esportivas. Nesse sentido foram



selecionadas como práticas de destaque o *skate* no calçadão e o *slackline* na areia, sendo que neste artigo trataremos especificamente das questões relativas ao skate.

Assim, neste estudo foram abordados os modos de vivência de lazer de um público bastante específico, praticantes de *skate* que se reúne em calçadões e praias do litoral capixaba. Os momentos de lazer são aqui compreendidos como espaço e tempo de manifestações sociais e culturais, e por isso, de significativa importância para estudar grupos, hábitos e consumo de uma parcela da população, a juventude.

Dialogando com o tema, Romera (2008) destaca que a juventude é tomada por dois olhares antagônicos, por vezes são compreendidos a partir de um olhar estigmatizante e por outras, a partir de uma compreensão romantizada.

Esse tipo de interpretação compreende esta importante fase “como a época de total alegria e despreocupação relativa às obrigações da vida adulta, marcada por festas, encontros, passeios e namoros” (ROMERA, 2008, p. 30). E o oposto ao olhar romântico é dado pelo estigma sobre os jovens, quando estes indivíduos são relacionados a “envolvimento com brigas, drogas, violência, vandalismos, atos irresponsáveis e desrespeitosos” (ROMERA, 2008, p. 30). Essa visão pré concebida da juventude contribui para o fortalecimento dos estigmas de certos grupos de jovens e pode ter resultado negativo, sem que se considere a juventude concreta.

Em consonância com essa ideia, o lazer torna-se um grande facilitador para a formação da identidade destas juventudes. Abramo (1994) argumenta que é no campo onde os jovens desenvolvem sua sociabilidade e experimentam situações que ajudam a estruturar suas novas referências e identidades.

É através das atividades de lazer e de tempo livre que se pode notar a dinâmica sociocultural da vida juvenil.

A valorização do lazer como oportunidade de sociabilidade da juventude é também defendida por Magnani (2007) que pensa essa questão em razão dos seus espaços facilitarem o encontro com quem estabelecem relações de troca.

O lazer, em todo seu tempo-espaço, pode ser um elemento de liberdade de escolha, um campo potencial de construção de relações e inserções afetivas na sociedade. É ainda possível pensar que o lazer proporciona uma condição para aprendizagem das relações sociais por todo seu contexto de experimentação. De acordo com Carrano (2003, p.143), “é na perspectiva



desse diálogo social que as práticas de lazer se afirmam como redes relacionais decisivas para a elaboração das identidades urbanas da juventude.”

Nesse sentido, Caldwell e Faulk (2013) apontam o paradoxo do lazer que pode, tanto contribuir para o desenvolvimento, promovendo saúde e bem-estar, como também, representar um contexto para o comportamento de risco e abuso de substâncias. Não obstante, a vivência do lazer na atualidade vem se configurando por um comportamento caracterizado pelo consumo, o lazer apresenta a possibilidade de ser ambivalente e multiforme.

Com isso, o lazer também é fundamental para a formação da identidade desta juventude, que se dá “a partir das situações vivenciadas, considerando suas experiências, percepções e atuações no grupo” (GARCIA; ARAGÃO; MEZZARROBA, 2012, p. 56).

Parker (1998) acentua que os jovens entendem o lazer como uma oportunidade para a expressão mais autônoma de suas identidades e preferências, nesses momentos os jovens sentem-se mais livres para se expressar mais abertamente e honestamente, sem as pressões e coação de família, escola e tradições. Essas características se agrupam também em identidades coletivas e são vistas pela sociedade através das relações sociais entre o grupo e do grupo para além dele, e apresentam os sentidos aos comportamentos e estilos de vida criados por meio dessa integração.

Neste estudo, a prática do *skate* foi compreendida como o modo de vida de uma parcela da juventude que contribui para a construção da identidade coletiva dos participantes dentro daquele espaço: suas relações para a prática e suas relações com as outras pessoas, que convivem e usufruem “de uma prática em comum sem a preocupação ou compromisso com algo além daquele espaço, pois é um tempo de “[...] aceitação do outro do jeito que ele é” (GARCIA; ARAGÃO; MEZZARROBA, 2012, p.71). Entendemos que as características próprias dos indivíduos e aquelas adquiridas através dessas relações atuam na construção da identidade do grupo e consolidam a sua existência.

Para Parker (1998), a identidade juvenil é socialmente construída mediante diferentes padrões de consumo. O uso de drogas emerge como uma das substâncias que jovens consomem como meio de criar e recriar um senso de identidade.

O crescente interesse pela vivência de diferentes práticas corporais representa uma forma de ocupação do tempo disponível, reflete os interesses culturais dessa parcela da juventude e reflete seus anseios e buscas.



Nesse sentido, Norbert Elias e Eric Dunning (1992, p.107) consideram o lazer como uma necessidade do ser humano, que independe da sua relação com o mundo do trabalho. Dentro do quadro do tempo livre (que engloba trabalho privado; administração familiar; repouso; provimento das necessidades biológicas; sociabilidade) estão também as atividades de lazer caracterizadas como “[...] uma ocupação escolhida livremente e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo”.

Pais (1990, p. 591), observa que as atividades de lazer são, cada vez mais, parte da cultura juvenil, afirma o sociólogo que “quem não quiser falar de lazer deve calar-se se sobre juventude quiser falar.”. Para o sociólogo português, a juventude e o lazer representam questões intrinsecamente relacionadas.

A discussão sobre juventude pode ser construída também através da análise da sua relação com o lazer referente ao consumo, compreendido de modo restrito à aquisição de bens materiais. Mas, ao relacionar consumo ao contexto do lazer, é perceptível que “a cultura do consumo tem um espectro mais amplo que o acesso efetivo a itens de consumo” (Taschner, 2000, p. 46), visto que o “consumo [...] é um mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido e de identidades, independentemente da aquisição de um bem” (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p. 26).

Felix (2003) aborda essa questão entendendo o processo histórico do lazer. A partir da constituição da sociedade moderna, resultante das transformações da Revolução Industrial, o lazer tornou-se uma ocupação do tempo livre para os que estavam no mundo do trabalho. Mas, a partir desta sociedade:

o lazer incorporou-se no processo de produção, traduzindo-se numa necessidade, tanto em termos da prática direcionada para o aproveitamento do tempo livre quanto – e, conseqüentemente – em relação ao consumo. Desse modo, possibilitou a exaltação dos desejos, dos anseios e das necessidades, aliado ao consumo (FELIX, 2003, p. 51).

Também Taschner (2000, p. 46) afirma que esse consumo durante o tempo de lazer encontra-se menos relacionado à aquisição de bens e “mais e mais, ao consumo de sensações”. Brain (2000) nota que sociedades de consumo dependem constantemente de estímulo de desejo e de necessidade e isso gera constantemente a procura por sensações e excitações produzindo a proliferação de estilos, modas e identidades de consumo.

Essa crescente busca por consumir sensações em nossa sociedade, é motivada, segundo Elias e Dunning (1992), por um progressivo e rigoroso controle das emoções, que



gradativamente reduziu as situações e contextos em que as pessoas pudessem liberar publicamente seus sentimentos sem se preocupar com a reação da sociedade.

À medida que os autocontroles desempenham um papel importante na organização estrutural das sociedades contemporâneas, percebe-se que o lazer passa a representar a possibilidade de fuga desse quadro de autocontrole, torna-se socialmente permitido desfrutar de intensas explosões de excitação nesses momentos, uma “regressão social autorizada”. Na concepção de Elias e Dunning (1992), o lazer está intimamente ligado à necessidade do indivíduo de equilibrar as tensões que normalmente teria que guardar para si. As atividades de lazer permitem que o indivíduo demonstre sua excitação publicamente, ainda que de forma controlada, representando assim um espaço social permitido para tais manifestações.

Nesta mesma perspectiva, Le Breton (2009) argumenta que as sensações assim experimentadas são tão procuradas quanto mais o resto da vida for pacífico, tranquilo, protegido de todo o imprevisto. Quando entregue somente aos seus recursos, o indivíduo experimenta o sentido de, enfim, pertencer-se, de oferecer a melhor parte de si mesmo, colocar-se em risco.

Para Elias e Dunning (1992), o risco é parte essencial das atividades de lazer e constitui com frequência parte integrante do prazer, muitas vezes advindo das tensões que o risco provoca. A tensão à qual Le Breton (2009), Elias e Dunning (1992), chamam de positiva, coincide com aquelas buscadas em algumas práticas corporais vivenciadas no lazer, como por exemplo, *o skate, surf, slackline*, modalidades cujas características principais referem-se ao desafio dos obstáculos, rampas, manobras acrobáticas, são desafios à gravidade, à velocidade, aos limites individuais, etc.

Praticar essa modalidade de lazer significa para esta parcela da juventude, uma oportunidade de fazer escolhas, construir relações e experimentar múltiplas possibilidades que contribuirão para a construção de suas identidades. Existe no lazer a chance de viver a autonomia concedida àquele tempo e espaço e menos encontrados nos demais contextos sociais.

A escolha do *skate* como eixo de análise foi justamente pela percepção modalidade como prática da juventude, vivenciada por um número significativo de praticantes na orla capixaba.



Foi e é essa juventude que através de seus estilos de vida e comportamentos, negam a conotação negativa que lhes é imposta diante de pré-conceitos que a sociedade insiste em imprimir aos skatistas.

Enquanto representativa de uma prática cultural, o *skate* historicamente aparece vinculado à juventude, a movimentos de contestação – como a cultura punk e outras práticas corporais californianas das décadas de 1960 e 1970, encontradas em solo carioca, como o surfe. Desde as décadas 1960 e 1970, a prática do *skate* foi muito marginalizada, sendo seus praticantes tratados como “foras da lei”, sugerindo um processo de estigmatização dos *skatistas* que àquele tempo eram tidos como baderneiros.

O processo de estigmatização é definido como uma marca física ou social de conotação negativa que leva o seu portador à exclusão de algumas situações sociais. Goffman (1975, p. 5) considera que a sociedade elabora categorias para elencar as pessoas, além de estabelecer “[...] o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. Segundo o autor, o estigma acontece quando há um choque de relações entre aquilo que é considerado normal e aquilo que é fora do padrão de normalidade da sociedade, portanto são criados estereótipos. O estigma sobre os *skatistas* se dá principalmente pela visão transgressora a eles atribuída, devido à construção histórica do *skate* na sociedade americana e a herança trazida para o Brasil em meados da década de 1960.

Segundo Brandão (2011), o surgimento da prática do *skate* no Brasil esteve interligado aos anos da ditadura militar, período de repressão que atingiu diretamente a juventude e expôs seus ideais de vida.

Essa repressão resultou em um dos movimentos de contestação da juventude, chamada de “contracultura”, e que colaborou com o surgimento do movimento punk, cujas manifestações, de cunho social e cultural, “fizeram com que muitos jovens confrontassem com o que entendiam por “sistema”, ou seja, os valores tradicionais da família, da religião, estado, do capitalismo, etc.” (BRANDÃO, 2011, p. 104).

Ainda de acordo com Brandão (2011), o movimento punk foi caracterizado, além da contestação de valores tradicionais da sociedade, pelas vestimentas mais agressivas (como roupas pretas, coturnos, tatuagens). Os resultados desse contexto influenciaram, de certa forma, na construção de um imaginário sobre juventude, vista então como a “escória da sociedade” (p. 106) e conseqüentemente como marginais e rebeldes. A prática do *skate* também foi atingida por esse imaginário, uma vez que a prática oportunizava aos skatistas



vivenciar sensações de liberdade, não condizentes com a repressão da época: a adrenalina e o perigo, por exemplo, não faziam parte do cotidiano daquela sociedade que lhes era imposta.

Com relação aos aspectos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida numa perspectiva descritiva, com abordagem qualitativa. Teve por característica a descrição interpretativa dos sujeitos e das situações envolvidas com o máximo de abrangência e detalhamento sobre os fatos e fenômenos investigados. Seu foco essencial está em conhecer os traços característicos do objeto, as pessoas envolvidas, o espaço, os valores, os problemas etc. (TRIVIÑOS, 1987).

Como técnica de pesquisa foi utilizada a observação não participante, caracterizada por: "utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar" (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 111).

Após um período de observações, foi necessária a inserção das pesquisadoras junto aos skatistas, a fim de alcançar o objetivo da realização das entrevistas. Durante um período de aproximadamente seis meses as pesquisadoras realizaram o exercício de aproximação do grupo, com o intuito de tornarem-se do pedaço e praticantes de skate. Após esse tempo, teve início a fase de entrevistas que foram do tipo semiestruturada, também utilizada como técnica para coleta dos dados que assegura ao entrevistador as informações que lhe são necessárias (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Segundo Boni e Quaresma (2005), esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Para melhor apresentação e discussão dos dados, foram estabelecidos três eixos de análise, estigma, consumo e sociabilidade.

Foram realizadas 19 entrevistas com jovens com idade entre 18 e 36 anos, de ambos os sexos, com predominância do sexo masculino. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com consentimento dos entrevistados, cuja participação foi anônima e voluntária, depois de terem lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra foi composta por 19 *skatistas* de ambos os sexos que, de forma espontânea, aceitaram participar da pesquisa. De modo geral, apresentam aspectos semelhantes em termos



de características sociodemográficas e nível de escolaridade. Os sujeitos da pesquisa abrangeram o quantitativo de 15 homens e 4 mulheres, com média de idade de 24 anos.

A intenção inicial era de entrevistar um número maior de skatistas, no entanto, atribuímos à temática da droga, uma das dificuldades em alcançar o quantitativo esperado. Embora as entrevistadoras tenham se inserido no grupo, muitos praticantes não se sentiram seguros o suficiente para abordar o tema.

O estigma sobre os *skatistas*

Apresenta-se aqui uma das categorias de análise proposta, o estigma que essa prática corporal, tanto quanto seus praticantes ainda revelaram sofrer por parte da sociedade.

Esse estigma é conferido, principalmente pela visão transgressora a eles atribuída, devido à construção histórica do *skate* na sociedade americana e a herança trazida para o Brasil em meados da década de 1960. Essa visão reforça uma ótica marginalizadora, tratando os participantes como “foras da lei”.

Os entrevistados denunciaram sentir os preconceitos relacionados a eles próprios, os praticantes de *skate*, muito embora, enfatizassem perceber que, de modo lento e gradativo, os estigmas a eles imputados estejam diminuindo, bem como a associação que se faz entre a prática do *skate* e o consumo de drogas, conforme anteriormente denunciado por Carrano (2003).

Ainda que percebam preconceitos, um dos *skatistas* ressalta:

Lá nos meados de 1980 era marginalizado e infelizmente até hoje é associado com drogas. Tinha que tá fumando maconha, senão não era o *skatista* do momento. Eu falo por mim: não precisei disso. Eu e mais uma renca foi malandro, foi inteligente, teve essa pegada. Mudou a época, depois chegou os anos 1990 e tal, a galera deu uma diferenciada nisso aí, mas infelizmente isso catou uns [...]. (Entrevistado 19)

Outro entrevistado atribuiu a esse estigma certa injustiça pois, segundo seus argumentos, o uso de drogas é disseminado e pode ser encontrado em diferentes ambientes:

Existe em qualquer lugar isso aí, não tem como você assimilar isso, entendeu? Eu comecei a usar, não foi a partir daí, ninguém me ofereceu, entendeu? Foi vontade própria (...). Eu acho que não tem ligação, você vai encontrar em qualquer lugar, você vai encontrar até no restaurante mais caro do mundo (Entrevistado 9).

Pô, não é porque eu fumo e ando de *skate* que a culpa é do *skate*. Se eu fumo, a culpa é minha (Entrevistado 10).



Essa percepção e auto responsabilização por parte do entrevistado é bastante interessante uma vez que não é, realmente a prática do skate que vai levá-lo aos usos e sim suas escolhas individuais. Independe da modalidade praticada. Um dos entrevistados revelou ter iniciado o uso de maconha durante a prática de yoga e não no skate, outro elemento que contribui para a desconstrução dos estigmas atribuídos ao skate e seus praticantes.

Adentrando a questão do uso de drogas na prática do *skate*, os entrevistados enfatizaram: é possível perceber que o uso das drogas está diretamente relacionado à questão da socialização dentro do grupo. A droga aparece como elemento de integração e os aspectos negativos são pouco percebidos e explicitados. Podemos então problematizar o consumo de drogas, não como facilitador de desempenho na modalidade, mas como um facilitador da sociabilidade dentro dos grupos onde ela é utilizada.

A maconha sociabiliza total, é uma droga que consegue ter esse poder de socialização da galera, sacou?! Isso é interessante, isso não é só do *skate*.
(Entrevistado 17)

Pode-se observar que os *skatistas* compreendem o uso da maconha com mais naturalidade e aceitação que o uso de outras drogas ilícitas, como por exemplo, cocaína e crack. As drogas mais pesadas são menos aceitas entre os praticantes de skate.

Uma possível explicação para o uso de drogas nos momentos de lazer, de acordo com Romera e Marcellino (2010), encontra-se nas características básicas desta vivência: procura pela liberdade, expressão de emoções reprimidas e a obtenção dos prazeres, no entanto, não é o lazer o responsável e sim o ser humano e suas escolhas. Além disso, para Parker (1998), o uso de drogas emerge como uma das substâncias que jovens consomem como meio de criar e recriar um senso de identidade.

Romera e Marcellino (2010) também defendem que não se pode olhar para o usuário com preconceito, com um olhar fragmentado, o que é tão comum em nossa sociedade. Há que se considerar suas especificidades e o contexto social no qual se inserem.

Durante o processo de entrevistas, os *skatistas* aproveitavam para tirar dúvidas a respeito, por exemplo, da possibilidade da maconha levar ao uso de drogas mais fortes. Esse questionamento remete a um dos tabus constantemente fortalecidos acerca do uso da maconha e segundo Dumazedier (2003, p.13), “nunca foi comprovado. Entretanto, o fato de fumar regularmente maconha, põe o jovem em contato com os circuitos em que se vende maconha e,



por esse meio, ele pode ter contatos sociais, com traficantes de drogas mais pesadas”. Estudos da área da saúde mostram que as possibilidades de levar ao uso de outras drogas são mais prováveis a partir do uso do álcool e não necessariamente pelo uso da maconha.

Outra interpretação acerca deste tema, baseado no campo da saúde, ressalta que o álcool é o propulsor dessa situação: “O consumo de álcool em excesso pelo adolescente traz várias consequências graves para a saúde, evidenciando-se que esta droga socialmente aceita é a porta de entrada para o consumo e o vício em outras drogas, ditas ilícitas” (CAVALCANTE; ALVES; BARROSO, 2008, p. 557).

Observou-se também um fator positivo a recente inserção do skate entre os esportes radicais, fator que contribui para a diminuição do estigma sobre os praticantes. Isso se justifica pelo fato desta prática ter passado pelo processo de esportivização e ter-se vinculado à promoção de marcas e produtos direcionados ao público jovem e se transformado em instrumento de publicidade e sinônimo de juventude.

O Consumo

Com relação ao consumo, com ênfase para as drogas lícitas e ilícitas, dos 19 entrevistados, 10 afirmaram consumir bebidas alcoólicas, 2 afirmaram ser usuários de maconha, 4 consomem as duas drogas e 3 nunca utilizaram estas e/ou outras drogas. Observou-se que na percepção dos skatistas, o álcool passou a ser considerado como droga e aparece como principal forma de uso pelos entrevistados (aproximadamente $\frac{3}{4}$), haja vista que seu uso era tido como frequente e natural nos momentos de lazer.

Comparando os usos de drogas lícitas e ilícitas observamos que $\frac{3}{4}$ fazem uso de álcool e $\frac{1}{3}$ faz uso de maconha, fato que suscita interessantes reflexões se considerarmos os estigmas imputados aos praticantes de skate, como usuários generalizados de drogas ilícitas, quando o estudo aponta a menor porcentagem de usuários de maconha e maior número de usuários de bebidas, como ocorre em outros grupos de jovens.

Eu fumo maconha e só. Não gosto e não bebo nada alcoólico, só cerveja em rock, mas bem pouco. [...] Eu gosto de fumar quando eu tô de boeira, os principais lugares são em praias, dependendo do vento. Dentro de casa eu não gosto muito não, não gosto de fumar sozinho. Eu acho legal trocar uma ideia, uma parada mais social. Não fumo todo dia, só quando tem algum evento mesmo, com a galera. Fumar é só uma complementação mesmo, depois, se tiver, pra tocar uma ideia. (Entrevistado 16)



Na fala do entrevistado 17 observa-se uma contradição “Não gosto e não bebo nada, só cerveja em rock, ...” a cerveja é uma bebida alcoólica, muito embora tente passar a ideia de não o ser, cada cerveja leva um grau diferente de teor alcoólico, dependendo do fabricante.

De modo geral, mas não absoluto, a mídia exerce grande influência sobre a opinião pública, acerca das bebidas alcoólicas exaustivamente publicizadas, ocasionando a distorção de sua percepção como droga e da cerveja como bebida alcoólica.

Outro aspecto que confunde a percepção acerca do álcool como droga, está no fato de ser classificada como lícita e portanto, permitida, de uso autorizado, amenizando, por vezes, a compreensão de seus impactos.

Nessa linha, o álcool é tido como substância lícita e insistentemente anunciada na mídia, nos espetáculos esportivos e culturais, construindo-se socialmente a falsa noção sobre o álcool, deixando-se de considerar os prejuízos que o consumo excessivo pode promover.

De acordo com o II LENAD (Levantamento Nacional de Álcool e Drogas) de 2012, evidências mostraram que uma maior renda per capita está relacionada com aumento de consumo de álcool. Este dado, fortalecido pelo grande crescimento econômico do Brasil nos últimos 10 anos, torna o país um mercado promissor para a indústria do álcool. No mesmo relatório, houve uma comparação entre dados de consumo de bebidas alcoólicas por adulto (acima de 18 anos) levantados entre 2006 e 2012 e além de um pequeno aumento no número de bebedores, foi constatado também uma ascensão significativa na regularidade de consumo semanal e quantidade de bebida ingerida em um dia de consumo habitual.

Sobre as drogas ilícitas, no II LENAD, a maconha aparece com maior prevalência entre a população brasileira adulta em relação às outras substâncias.

Esses dados, aliados às contribuições dos entrevistados na presente pesquisa, mostram-nos uma visão talvez equivocada, uma “generalização superficial” sobre os *skatistas* como usuários de drogas, especificamente o uso da maconha. O que foi mostrado pelo levantamento, contempla um modo de lazer da população brasileira adulta sem ter como foco grupos específicos, o que talvez nos leve a refletir sobre a carga de estigmas que os *skatistas* ainda carregam.

Na percepção do *skatista* n°17, o consumo de álcool atrapalha a prática do *skate*, ao mesmo tempo em que os efeitos da maconha são relacionados à diminuição de atenção e concentração, diminuição da agilidade, sendo assim desconsiderado pelo entrevistado:



Eu bebia bastante e no outro dia não conseguia andar de *skate*. Acho que foi esse um dos motivos que eu parei de beber, porque eu não tinha equilíbrio para andar, além do mal-estar. (Entrevistado 17)

A afirmação acima nos remete ao paradoxo do lazer anteriormente exposto por Caldwell e Faulk (2013) que tanto pode ser um ambiente para o uso de substâncias, como também motivador do não uso.

Eu bebo hoje em dia, mas não pra praticar, mas é muito raro. [...] Já fumei, eu fumei muitos anos, mas eu fumava antes do rolê. Tinha rolê que eu conseguia andar e outro que eu não conseguia andar. Às vezes eu fumava antes de sair de casa e até chegar na praça ou em algum lugar que eu ia andar, eu já dava uma brisada, começava o rolê e tal. Durante é f*, senão você não anda, tem gente que anda. Conheço amigos que andam tranquilamente, amarradão. (Entrevistado 18)

Não vou ser hipócrita e falar que eu não bebo, gosto de tomar meu vinho. Jamais envolvi isso no *skate* [...] ingerir álcool e andar de *skate* é pedir pra não ter equilíbrio e noção do que tá fazendo. Eu jamais corri pro lado errado e foi o *skate* que não deixou. (Entrevistado 19).

Observou-se entre os entrevistados uma percepção maior sobre os riscos e efeitos do álcool em comparação com o uso da maconha, pois, o consumo de bebidas alcoólicas aparece normalmente desvinculado à prática corporal ou com destaque para a percepção dos prejuízos de seus efeitos sobre a prática.

Para além dos pontos ressaltados sobre o estigma social evidenciado para com este público, bem como sobre o consumo de drogas, a questão da sociabilidade foi enfatizada pelos entrevistados. De certo modo, o consumo de drogas pode ter significativa relevância sobre a sociabilidade (CALAFAT *et al.*, 2011; LOMBA *et al.*, 2011). Mas, nesta pesquisa, o skate aparece como principal fator de sociabilidade entre seus praticantes.

O skate como elemento de sociabilidade

Em 2009, o “Data Folha” realizou um levantamento objetivando medir a penetração de praticantes de *skate* nos lares brasileiros, bem como obter o perfil destes jovens. Como resultado, verificou-se que há mais de três milhões e oitocentos mil praticantes no país, havendo considerável predominância de indivíduos do sexo masculino (90%), com idade média de 16 anos. Trata-se de um hábito cuja prática tem início muito cedo, já que 25% dos praticantes iniciaram no *skate* com 10 anos.



Os *skatistas* ressaltam, com orgulho, os valores sociais que o *skate* cultiva, em especial, a amizade diferenciada e desinteressada que estabelecem com os outros praticantes, transformando o grupo numa “irmandade”, além de ser para eles, um estilo de vida. Fato que também é ressaltado por Galliano (2013) ao afirmar que 46% dos participantes da pesquisa consideram o esporte (*skate*) extremamente socializador e que, apesar de ser praticado individualmente, acaba por envolvê-los no círculo social do *skate*.

Referências aos laços de amizade que se estabelecem entre os praticantes é um dos elementos que mais marcantes, os entrevistados atribuem às relações interpessoais criadas a partir da prática, uma forma distinta de sociabilidade, sendo a confiança e o companheirismo entre os *skatistas* as características que os diferencia dos outros grupos sociais dos quais participam. Elias e Dunning (1992) argumentam que as denominadas atividades de pura sociabilidade podem ser definidas como geradoras de tensões emocionais agradáveis e de formas descomprometidas de integração social.

No contexto de busca por tensões positivas e corroborando novamente com Elias e Dunning, na prática do lazer, os indivíduos buscam realizar atividades que proporcionem formas agradáveis de excitação, expressão e realização individual. As atividades de lazer criam certa consciência de liberdade ao permitir uma fuga temporária das tensões da rotina cotidiana de trabalho e obrigações sociais.

Os *skatistas* retratam essa “fuga” vivenciada através das sensações como deslizar e realizar manobras pela cidade. Essas situações foram constantemente mencionadas como ações produtoras de um sentimento de liberdade, de poder se esquecer de tudo. Tal sensação, aliada às constantes situações desafiadoras, impostas pela realização das manobras ou de novos movimentos, produzem o sentimento de superação e felicidade, especialmente quando alcançadas com êxito. Le Breton (2009) explica o entusiasmo social pelas atividades físicas e esportivas de risco, mostrando que há uma valorização do prazer, das emoções, das sensações. Para o autor, a sociedade combate o risco, porém afirma que a procura do risco nutre uma intensidade de ser da qual carecemos, uma quebra de rotina da existência, uma tentativa de evasão. Assim também defendem Elias e Dunning (1992) sobre as sensações produzidas nas atividades de lazer.

As afirmações dos entrevistados enfatizam essa procura relacionada ao êxito de uma manobra bem-feita.

Skate é liberdade. Depois de um tempo você aprende a cair e levantar na marra, e levantar a cabeça, cai de novo e vai lá e acerta a manobra. E depois que acerta a manobra acabou, é a pessoa mais feliz do mundo, não tem ninguém, mano! [...] E é assim, a superação, sacou? (Entrevistada 18)

Cara, tem muita coisa, só que o que chama atenção é o desafio que o skate te proporciona, isso aí te ajuda até dentro de casa, te ajuda no meio da sua rapaziada, te ajuda a respeitar uma mulher, sua namorada. (Entrevistado 19)

Os entrevistados relacionam os aprendizados construídos através da prática do *skate* com outros valores de vida que contribuem para a formação do modo como encaram e participam das situações sociais. Tais aprendizados não se limitam às técnicas das manobras e movimentos, ou incorporação do vocabulário ou vestimenta própria do grupo, mas avançam para questões relacionadas aos valores por eles mencionados: respeito, amizade e superação.

CONSIDERAÇÕES

O *skate* representa uma prática corporal urbana bastante influenciada pelos mecanismos da esportivização, fator que contribuiu para a diminuição e maior auto-controle sobre o consumo, especialmente com o surgimento de campeonatos e a necessidade de conquistar e manter os patrocinadores.

O consumo de bebidas alcoólicas, bastante presente nos dados da pesquisa, embora consumida pelos skatistas, representa também uma preocupação em relação aos efeitos negativos (diminuição da atenção, concentração e agilidade) na prática e na realização de manobras.

Essa percepção ratifica as afirmações de Caldwell e Faulk (2013) que apontam o paradoxo do lazer que por vezes contribui para o desenvolvimento, promovendo saúde e bem-estar, como também, podendo representar um contexto para o comportamento de risco e abuso de substâncias.

Cumprindo os objetivos propostos nesta pesquisa, foi verificado o consumo tanto da droga lícita quanto da ilícita junto ao grupo focal estudado, no entanto, de maneira bastante controlada. Os praticantes destacam a percepção acerca dos estigmas sociais sobre os *skatistas*, no entanto, não relacionam tal estigma ao uso da droga e sim ao universo que envolve o *skate* de modo geral e percebem a diminuição desses impactos nos últimos anos.

A dificuldade de acesso ao grupo não nos permite generalizações, no entanto, sinalizam a compreensão que estes construíram sobre o movimento *skatista da orla capixaba*,



bem como a percepção sobre o uso de drogas e seus impactos sobre a prática. Dentre tais percepções mereceram destaque afirmações aquelas referentes ao uso de maconha como menos nocivo que o uso do álcool que, por sua vez, prejudica o equilíbrio e a realização das manobras.

A compreensão dos *skatistas* acerca do álcool e da maconha pode contribuir para a construção de argumentos que subsidiem políticas de prevenção, já que como notamos na análise das entrevistas, o uso de maconha é bastante naturalizado, funcionando como uma droga socializadora e os aspectos negativos da mesma são pouco anunciados e percebidos pelos entrevistados.

Os *skatistas* ressaltaram um conjunto de valores vistos como o “código de ética”, citando o respeito que deve haver dentro do grupo. Nesse aspecto, a amizade foi apontada como um dos valores importantes, principalmente para os integrantes mais antigos do grupo e, o fortalecimento de laços de amizade representa elemento motivador para a entrada de novos integrantes.

Os aprendizados construídos através da prática do *skate* contribuíram para a formação do modo de encarar situações sociais e o sentimento de superação foi citado como algo inerente a este universo e levado para as demais esferas da vida social.

Estas evidências podem significar que o *skate*, assim como outras práticas corporais, não isenta seus participantes do consumo de substâncias lícitas ou ilícitas antes, durante ou depois da prática. Seria então possível supor que o consumo de certas drogas (citadas pelos entrevistados) estão presentes entre as práticas esportivas muito mais do que se supõe.

Esse estudo sugere a necessidade de mais incursões dentro do universo da juventude, tempo livre e práticas corporais, buscando avançar na compreensão da relação do uso de drogas e lazer que possibilitem ainda subsidiar políticas de educação, lazer e de prevenção.

SKATEBOARD'S CULTURE AND THE CONSUMPTION IN THE YOUTH'S LEISURE

ABSTRACT

The study aims to analyze physical activities in the coastal area of Espírito Santo and elected skateboard as a leisure activity experienced by a group of young people with the intention of knowing the skateboarders' perceptions about the practice and the possible relations with the use of licit and illicit substances in the experience of the sport. This is an exploratory research using qualitative approach through non-participant observation by using field diaries and semi-structured interviews with 19 skateboarders.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

KEYWORDS: *leisure; youth; drugs.*

LA CULTURA DEL SKATE EN EL OCIO DE LOS JÓVENES

RESUMEN

La investigación analiza las prácticas corporales de la costa de espirito santo y eligió el skate como modalidad del ocio de una parte de la juventude con la intención de conocer las percepciones de los jovenes sobre la práctica e la posible relacion con el consumo de drogas lícitas y ilícitas en la experimentacion de esporte. Esta es una investigación exploratoria de campo con enfoque cualitativo desarrollado através de la observación no participante con el uso de diários de campo y entrevista semiestructurada con 19 jovenes.

PALABRAS CLAVES: *ocio; juventud; drogas.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

BARBOSA, L; CAMPBELL, C. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BONI, V; QUARESMA, S. J. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRANDÃO, L. *A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural*. Dourados: Ed. UFGD, 2011. 160p.

CALAFAT, A., et al. *Salir de marcha y consumo de drogas*. Madrid: Plan Nacional sobre Drogas, 2011.

CALDWELL. LL & FAULK. M. *Adolescent Leisure From A Developmental And Prevention Perspective*. Positive Leisure Science. Springer, p. 41-60, 2013.

CARRANO, P. C. R. *Juventudes e cidades educadoras*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.



CAVALCANTE, M. B. P. T.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. *Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde*. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v. 12, n.3, p. 555-559, 2008.

DUMAZEDIER, J. *As drogas e a revolução social do lazer*. *Licere*, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.11-19, 2003.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FELIX, F. A. *Juventude e estilo de vida: cultura de consumo, lazer e mídia*. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GALLIANO, L. M.; MAYER, S. M. *Motivos que levam os skatistas a prática do esporte: um estudo comparativo entre os estados do Paraná e Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://www.cienciadoskate.com/paper/0272.pdf>. Acesso em 06/08/2013.

GARCIA, L. C. P; ARAGÃO, P.; MEZZAROBA, C. *As “tribos” da orla: investigando os grupos sociais nos momentos de lazer*. LaboMídia. 2012. Disponível em: <http://www.labomidia.ufsc.br>.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

LE BRETON, D. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados, 2009.

LOMBA, L., APÓSTOLO, J., MENDES, F. & CAMPOS, D. C. *Jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos noturnos*. Quem são e comportamentos que adotam. Revista Toxicodependências. Ed. IDT, 17(1), p. 3-15, 2011.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MAGNANI, J. G. C. Introdução: Circuitos de jovens. In: MAGNANI, J. G. C. SOUZA, B. M. (org.) *Jovens na metrópole – etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PAIS, J. M. *Análise Social*, vol. XXV (108-109), 1990 (4.º e 5.º) 591-644.

PARKER, H., Aldriedge, J. & MEACHAM, F. *Illegal Leisure: The Normalization of Adolescent Drug Use*, London: Routledge, 1998.

ROMERA, L. A. *Juventude, lazer e uso abusivo de álcool*. 2008. 135f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ROMERA, L. A.; MARCELLINO, N. C. Lazer e Uso de Drogas: a partir do olhar sociológico. *Impulso*, Piracicaba, v. 20, n. 49, p. 75-84, jan-jun/2010.

TASCHNER, G.B. Lazer, cultura e consumo. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v.40, n.4, p.38-47, Out./Dez. 2000.

TRIVINÕS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.